

**O ROMANTISMO EM ELES NÃO USAM BLACK-TIE: SENTIMENTO DE UMA ÉPOCA OU ESPERANÇA QUE PERSISTE?**

**THE ROMANTICISM IN ELES NÃO USAM BLACK-TIE: FEELING OF A TIME OR PERSISTENT HOPE?**

Anna Carolina Botelho Takeda<sup>1</sup>

Mestre em Etudes Portugaises et Brésiliennes (Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3, França)

Universidade de São Paulo  
([annacbt@hotmail.com](mailto:annacbt@hotmail.com))

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo demonstrar a perspectiva romântica da personagem Otávio, da peça **Eles não usam black-tie** (1956), de Gianfrancesco Guarnieri, e observar como o autor elabora as ações narrativas para representar a força da organização coletiva dos trabalhadores em luta. Analisa-se, portanto, as tensões sociais no seio de uma família cujos conflitos ideológicos entre pai e filho sinalizam para o posicionamento romântico do primeiro, com o apoio daqueles que o cercam, ao defender o ideal de comunidade e encontrar nesse ideal a esperança para resistir às forças opressoras.

**Palavras-chaves:** Romantismo. Esquerda. **Eles não usam black-tie.**

**ABSTRACT:** This article's objective is to demonstrate Otávio's romantic perspective, a character from Gianfrancesco Guarnieri's novel **Eles não usam black-tie** (1956), and to observe how the author elaborates narrative and actions to show the strength in the collective organization of the workers in struggle. Social tensions are therefore analyzed inside a family with ideological conflicts between father and son, signaling the former's romantic positioning who, with the support of those around him to defend the community's ideals, finds in these ideals the hope to resist oppressive forces.

**Keywords:** Romanticism. Left. **Eles não usam black-tie.**

*Desconfiai do mais trivial,  
na aparência singelo.  
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.  
Suplicamos expressamente:  
não aceiteis o que é de hábito como coisa  
natural,  
pois em tempo de desordem sangrenta,  
de confusão organizada, de arbitrariedade  
consciente,  
de humanidade desumanizada,  
nada deve parecer natural nada deve parecer  
impossível de mudar.*

*Bertolt Brecht*

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa – Universidade de São Paulo. Bolsista Capes (Demanda Social).

A partir da análise de críticas feitas sobre a peça **Eles não usam black-tie** (1956), de Gianfrancesco Guarnieri, elaboradas desde a sua estreia, observa-se certa glorificação de sua feitura, mesmo que elas apontem críticas pontuais a seu respeito. A peça é escrita em meados dos anos 1950 num Brasil em que vigoravam a pleno vapor os resultados das políticas de modernização implementadas por Getúlio Vargas responsáveis por impulsionarem o desenvolvimento de grandes centros urbanos e a nova configuração social na qual tinha em seu epicentro o trabalhador urbano assalariado. Na peça, Gianfrancesco Guarnieri, de forma pioneira, representa essa nova realidade, trazendo para o palco o trabalhador brasileiro e a sua consciência diante da necessidade de uma organização política mais consistente, capaz de combater as opressões geradas pelas relações modernas de trabalho.

No enredo, tem-se uma disputa entre pai e filho em torno da adesão do segundo à greve dos trabalhadores que aconteceria para a reivindicação de melhores condições de trabalho. Essa temática, recente na dramaturgia nacional, problematizaria, então, a questão do trabalho urbano-industrial que tomava fôlego, sobretudo, diante das recentes medidas varguistas (a Consolidação das Leis do Trabalho é de 1943) para a legalização dos direitos dos trabalhadores.

Dessa forma, Gianfrancesco Guarnieri cria uma peça na qual, por meio de conflitos familiares, discutem-se as inquietações dos trabalhadores que, aproveitando as brechas criadas por Getúlio Vargas, tentavam defender seus interesses<sup>2</sup>. Nota-se que não há na peça qualquer referência direta a símbolos da esquerda, assim como podemos ver em outras manifestações artísticas. Porém, como salienta Sábado Magaldi em **Panorama do teatro brasileiro** (1962), a tese implícita dessa peça é marxista, uma vez que traz a ideia de união dos trabalhadores para reverter a situação de exploração por eles vivida. As personagens, com exceção de Tião, o protagonista do drama, acreditam na força dos trabalhadores e mantêm-se unidos com o intuito de conseguirem reagir às imposições patronais. E para além dessa suposição do crítico sobre a composição da peça, o dramaturgo constrói a relação entre pai e filho a partir de certa tensão ética diante da oposição dos interesses públicos e privados, que

---

<sup>2</sup> Para Ricardo Antunes: “O suporte dos trabalhadores, entretanto, conferia à Vargas o equilíbrio necessário para manter o seu projeto de dominação burguesa de novo tipo. Tal qual um bonaparte, Vargas precisava da classe operária como força, suporte, âncora em sua relação com as classes que de fato ele representava, ou seja, as frações agrárias tradicionais e as forças industriais emergentes. Mas para representar os de cima, precisava do apoio dos de baixo.” (ANTUNES, 2006, p. 85).

envolve uma séria de questões afetivas relevantes para o posicionamento das personagens diante dos dramas vividos em âmbito dos conflitos de classe.

Para Iná Camargo Costa, a peça de Gianfrancesco Guarnieri representa a ascensão da classe trabalhadora nos anos 1950 e a ligação do dramaturgo com o PCB, o que contribuiria para explicar a perspectiva ideológica da peça. Em suas palavras:

[...] a greve de Guarnieri registra, com mais verdade do que seria de se supor, o poderoso ascenso das lutas dos trabalhadores ao longo dos anos 50 – basicamente caracterizado pela ampliação de suas organizações sindicais, formação de federações e confederações – ascensão que significou a ocupação pelos trabalhadores organizados de importantes espaços na cena política e social do país. (COSTA, 1993, p. 19).

Há uma visão romântica que paira na peça, pois ocorre uma idealização dos trabalhadores enquanto classe integral e combativa, ao mesmo tempo em que há também uma visão romântica desses trabalhadores construída pelo autor que fica saliente com os posicionamentos de Otávio. Por visão romântica, toma-se como base as perspectivas teóricas de Michel Löwy e Robert Sayre em **Revolta e melancolia. O romantismo na contracorrente da modernidade** (2015) em que se tem o conceito de romantismo associado à crítica à civilização capitalista-industrial, que desconstrói uma ideia já consolidada, de que o prisma do romantismo é o pessimismo, o individualismo e o imobilismo. Além disso, para os teóricos, o pensamento romântico extrapola os limites do campo literário fictício e compõe o campo político, filosófico, econômico e histórico. Nessa perspectiva, os autores tentam provar que o pensamento revolucionário com base teórica composta por distintos autores, tem o pensamento romântico como fio condutor. Os autores entendem até mesmo as teorias marxistas, de viés materialista, pela ordem de uma perspectiva romântica e julgam, assim como afirmam, de longe, as mais interessantes entre elas, pois radicalizam “a oposição ao mundo burguês moderno” (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 39). Para eles, romantismo é uma espécie de desejo por um mundo radicalmente distinto do existente, até mesmo quando em obras genuinamente românticas suscita um irrealismo crítico como fuga da realidade e contrapõe um universo imaginário, ideal, utópico e maravilhoso, à realidade monótona, prosaica e desumana da modernidade.

Segundo esses autores, a sensibilidade romântica representa uma revolta contra a civilização criada pelo capitalismo, sendo assim, impulso para a construção de uma visão anticapitalista, ou seja, “desencantamento do mundo, crítica da quantificação, da mecanização, da abstração racionalista, do Estado e da política moderna, da dissolução dos vínculos sociais.” (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 194). Apenas para sublinhar, pode-se dizer que a peça de Gianfrancesco Guarnieri é marco inaugural das produções artísticas nacionais que veem na organização do trabalhador e na força do homem do povo um caminho para a resistência a esse modelo de sociedade; o que seria o cerne do romantismo, como bem defende Marcelo Ridenti em **Em busca do povo brasileiro**, e que, segundo ele, estava presente nas produções culturais nacionais realizadas no começo dos anos 1960. Em suas palavras, ao caracterizar tais produções, ele aponta:

[...] havia grupos mais românticos do que outros, mas todos respiravam e ajudavam a produzir a atmosfera cultural e política do período impregnada pelas ideias de povo, libertação e identidade nacional – ideias que já vinham de longe na cultura brasileira, mas traziam especialmente a partir dos anos 1950 a novidade de serem mescladas com influências de esquerda, comunistas ou trabalhistas”. (RIDENTI, 2014, p. 8-9).

A luz dessa ideia de romantismo, observa-se em **Eles não usam black-tie** que acima dos interesses individuais, sobressaem-se os interesses da coletividade, e o único que não aceita tal pacto é hostilizado por sua comunidade, tendo um fim trágico em que perde até mesmo os vínculos afetivos sanguíneos considerados os mais sólidos. Por esse pioneirismo, em grande medida, **Eles não usam black-tie** foi ovacionada pela crítica e por um público ávido em discutir e problematizar as incoerências desse Brasil industrial e urbano que se firmava.

No entanto, cabe a pergunta para qual esse artigo tenta ao menos problematizar a respeito, ou seja, o levantamento de questões acerca de uma nova leitura da peça de Gianfrancesco Guarnieri após exatos sessenta anos de sua realização, num Brasil outro. Qual a relação que **Eles não usam black-tie** estabelece com o cenário atual, diante do fortalecimento do grande capital internacional-corporativo-onipresente e da chegada do Partido dos Trabalhadores ao poder? Pretende-se nesse artigo fazer uma análise da peça sob a luz dessa realidade que se instalou, priorizando a observação da perspectiva romântica que há no líder da família,

Otávio, e o ar melancólico e apático do filho, Tião, com o intuito de perceber a atualidade de suas constituições enquanto personagens capazes de persistirem em novos cenários. O pai ainda é a figura emblemática do trabalhador em constante militância política ou Tião ganha importância e a sua melancolia apática, juntamente com sua subordinação ao pacto trabalho/opressão expandem-se sem resistência? Ou o atual cenário produziu uma nova espécie de militância que anula essas duas figuras? Tais perguntas são elaboradas para que uma nova interpretação da obra seja possível, sobretudo, considerando a prevalência do sentido romântico empregado por Gianfrancesco Guarnieri ao elaborá-la.

### **As lutas continuam**

Para abrir tal discussão, pensa-se na releitura feita dessa peça, considerando alguns aspectos históricos que permitiriam observar a perspectiva estética que nutriu a sua elaboração, e que, diante do julgamento de suas formas, em comparação às produções da atualidade, nota-se o enfraquecimento das discussões em torno das questões relacionadas à exploração do trabalho e da própria configuração do trabalho na contemporaneidade. Como bem salienta Angela Alonso, Valeriano Costa e Débora Maciel no artigo “Identidade e estratégia na formação do movimento ambientalista brasileiro” há ultimamente uma segmentação de pautas dos movimentos sociais, uma vez que cada um coloca em questão a sua reivindicação sem levar em consideração aquela que é comum a todos. Pode-se pensar nas discussões exaltadas dos movimentos feministas, negros, gays, de idosos e ambiental ou até mesmo do trabalho, mas visto de uma perspectiva estritamente individual, sem que elas se configurem como parte integrante da luta de classes. Esses novos grupos seguem suas discussões partindo das causas que os tocam em exclusivo, sem que estas sejam discutidas relacionadas ao que está no epicentro do sofrimento no mundo capitalista – o mundo do trabalho, o mundo reificado, e que, de certa forma, tem ressonância direta em todas as pautas discutidas por todos esses movimentos sociais.

Com a crise do marxismo e a incorporação da Teoria dos Novos Movimentos Sociais, as análises se deslocaram dos movimentos sociais populares para movimentos "pós-materiais", vistos como os novos agentes coletivos da mudança social e política. Ganhou relevo a dimensão cultural e simbólica das mobilizações, sobretudo a formação de identidades coletivas [...]. Entretanto, simultaneamente,

sob a égide de reformulações dos conceitos de "sociedade civil" e de "esfera pública", os próprios estudos sobre movimentos sociais perderam fôlego, sendo substituídos por análises sobre o associativismo e a participação da sociedade civil em fóruns deliberativos e na prestação de serviços ao Estado. (ALONSO; COSTA; MACIEL, 2007, p. 152)

Daí o questionamento sobre a importância de uma figura central na peça, o trabalhador e pai de família, Otávio, que luta para a expansão dos direitos dos trabalhadores da fábrica em que trabalha e vê tal causa como uma forma de florescer uma vida mais plena na comunidade onde se insere. Otávio engaja-se na melhoria de seu futuro e de seus companheiros, pois possui grande consciência política que o permite lutar contra as estruturas enrijecidas da sociedade capitalista. Temática pioneira na dramaturgia brasileira, a seguir, o mundo do trabalho vai ser pauta de muitas peças, filmes e livros, devido à difusão das teses marxistas que estariam em voga nos anos 1960 entre a classe artística, porém, quando estreia, é recebida como uma novidade: o trabalhador urbano que reage às explorações cotidianas.

Ainda pensando em sua atualidade, retoma-se a uma produção recente e importante do cenário nacional que reanima a discussão em torno do mundo do trabalho – o filme **Que horas ela volta?**, de Anna Muylaert. A narrativa retrata a vida da empregada doméstica Val cuja filha Jéssica decide migrar de Pernambuco para morar com a mãe em São Paulo na casa dos patrões a fim de fazer vestibular para o curso de arquitetura. Com boa recepção de crítica e de público, o filme discute as relações de trabalho doméstico e, de certa forma, a sua relação direta com os modos servis desenvolvidos durante a escravidão. Além do mais, o seu sucesso deve-se também ao retrato, simbolizado pela intelectualidade da filha, de uma classe trabalhadora que alcança formação escolar, antes restrita apenas à elite nacional e pode, com as ferramentas do conhecimento, combater a arrogância e supremacia da classe patronal. As disputas de classes levantadas aqui se centram principalmente nas forças simbólicas que revestem as classes sociais, e as tensões não estão mais focadas apenas numa questão material relacionadas aos embates salariais, assim como se sugere em **Eles não usam black-tie**.

O filme atenta-se na representação de uma empregada doméstica que simboliza o setor de serviços, ou seja, diferente do que se encontra na peça de Guarnieri, cuja trama catalisa-se nas lutas dos trabalhadores fabris. Essa mudança na

forma de representar as relações de trabalho em manifestações artísticas ocorre diante da nova conjuntura nacional e até mesmo internacional de distribuição de emprego, uma vez que a partir dos anos 1980 e 1990, o Brasil viu seus trabalhadores migrarem do setor primário e secundário para o setor terciário. Diante de tal cenário, a representação das disputas trabalhistas em campo fabril, mesmo que as condições desses trabalhadores não tenham passado por grandes alterações qualitativas desde o lançamento de **Eles não usam black-tie** e as lutas não tenham cessado, foi minguando. Sua representação parece atrair hoje menor interesse de cineastas e de público do que nos idos anos 1950 e 1960, embora algumas exceções possam aparecer esporadicamente.

Na França, por exemplo, em 2014 os irmãos Dardenne realizam um filme, **Dois dias, uma noite (Deux jours, une nuit)**, cujo argumento central gira em torno da busca desesperada de uma trabalhadora para manter o seu emprego em uma fábrica. Na trama, ela precisa convencer seus companheiros de trabalho de que conseguiria manter suas atividades, mesmo possuindo um quadro clínico depressivo. A história é inspirada em casos similares que aconteceram no fim dos anos 1990 em empresas francesas como a Peugeot. Se o ambiente fabril não foi explorado enquanto espaço, as tensões vividas pelos trabalhadores é o ponto fulcral da narrativa. Tal filme chegou a ser cogitado até mesmo à Palma de Ouro de Melhor Filme do Festival de Cannes, porém, sem vencer o festival, obteve sucesso de crítica e público. Mas, assim como em **Que horas elas volta?** e, diferente do que ocorre em **Eles não usam black-tie**, não se observa qualquer incipiente representação de lutas coletivas que poderia suscitar a força e a organização dos trabalhadores da fábrica, aliás, pelo contrário, o filme aponta a desintegração dos interesses dos trabalhadores enquanto classe.

No filme de Anna Muylaert, Val contará com a ajuda da filha Jéssica para começar a ter consciência da exploração vivida, o que aponta mais uma vez para o isolamento do trabalhador e a sua responsabilidade solitária diante da defesa das agressões geradas nas relações de trabalho em que patrão e funcionário encontram-se em situação de extremo desequilíbrio. Não há nos dois filmes uma organização além indivíduo que ampare as duas trabalhadoras, como no caso das lutas de Otávio, que conta com uma comunidade organizada e com a institucionalidade do sindicato.

Se se tomar como base as narrativas contemporâneas citadas, poderia se constatar que a organização coletiva dos trabalhadores encontra-se em ruína, uma

vez que as protagonistas aparecem isoladas, tendo que encontrar por si próprias, maneiras de reagir. Além disso, ao contrário do que se observa em Otávio, mas que se assemelha a Tião, é quase inexistente a consciência política delas, que apenas no decorrer das narrativas começa a surgir, levando-as a resistir individualmente, cada uma a sua maneira, ao poder patronal.

Porém, a diferença central dessas narrativas está no fato de as personagens dos filmes em questão não possuírem um elemento fulcral existente na maioria das personagens de **Eles não usam black-tie**: uma certa postura romântica no horizonte que permite a crença nas lutas para o rompimento das relações de exploração, bem como a obtenção de uma vida mais repleta de significado em que é prioridade as relações humanas.

### **Quando o romantismo impulsiona a vida**

Tião é um jovem cujas ambições burguesas vão de encontro às pretensões românticas do pai, Otávio, um assíduo sindicalista que luta em busca da expansão dos direitos dos trabalhadores e aposta na coletividade para assim o fazer. Diante da gravidez não planejada da namorada, o rapaz vê-se pressionado a alcançar a estabilidade econômica, sendo que a greve que paralisaria os trabalhos na fábrica desestabilizaria seus projetos e desencadearia um embate direto com o seu pai, já que cada um deveria encontrar-se de um lado da luta.

Enquanto Otávio envolve-se diretamente com a organização grevista, Tião, no entanto, decide por não aderir à greve e é, por isso, considerado “pelego” pelos operários, mas, sobretudo, pelo pai. Forma-se na narrativa a oposição ideológica que dá motim para a obra e que faz acentuar o drama dessa família, uma vez que as pretensões desses dois indivíduos devem ser negociadas sob um mesmo teto. É a partir das discussões de Otávio com Tião que se percebe a crença do pai na comunidade em que vive e a preocupação em manter sua integridade, mesmo num universo que conspira para a busca do respeito a interesses individuais.

Diante da comprovação das divergências sindicais e dos benefícios que tais divergências gerariam para os dissidentes das lutas coletivas, Otávio não cansa de nutrir a luta que pudesse englobar, de forma democrática, o interesse de todos. Nota-se que para ele o mais importante é manter a irmandade entre os companheiros a conseguir privilégios que o possibilitaria ter mais estabilidade financeira e conforto.



Os valores de Otávio são evidentemente distintos daqueles que representam, assim como bem define Lucien Goldmann, em **Dialética e cultura** (1991) os do *homo-economicus*, que surge quando as coisas começam a perder o seu valor de uso e ganhar valor de troca. O valor de uso é relacionado à criação de bens de acordo com os seus valores naturais, ou seja, diante da necessidade real dos homens em relação a esses bens. Em contrapartida, o valor de troca é gerado sobretudo nas sociedades mercantis em que esses bens se transformam em mercadorias porque não são produzidos apenas para o consumo de seus produtores, mas sim para a sua comercialização. O valor de troca impera sobre o valor de uso e essa lógica, para Goldmann, acaba permeando até mesmo as relações inter-humanas – o mecanismo psíquico do homem.

Desse modo, o próprio valor de uso e a solidariedade são relegados, em maior medida, apenas ao domínio privado das relações de família ou amizade. A irmandade entre os homens é perdida e os laços construídos no espaço público não possuem mais a dimensão solidária das comunidades em que, em seu sentido genuíno, preservariam as relações de irmandade entre os homens. Nas relações inter-humanas gerais, contudo, pelo contrário, sobressai o egoísmo do *homo-economicus*, “que administra racionalmente um mundo abstrato e puramente quantitativo de valores de troca” (GOLDMANN, 1991, p. 199). Otávio resiste a envergar-se aos valores da sociedade reificada, por mais que esteja nela e sinta a dificuldade de preservar-se diante da força avassaladora dos agentes que a defendem.

Neste trecho da peça transcrito abaixo, pode-se perceber como Otávio reage ferozmente à sobreposição do *homo-economicus* e à entrega de seu filho a tal condição por medo da pobreza.

Tião – Tá vendo, t’ái! Se, em greve de conjunto metade da turma amolece...

Otávio – Metade da turma não senhor! Metade da comissão.

Tião – E então?

Otávio –E então, o quê? Eram pelegos! A turma topava mas tinha meia dúzia deles que eram pelegos. A turma topava, os pelegos deram pra trás.

Tião – Não, pai. Pro senhor, quem não pensa como o senhor é pelego...

Otávio – Nada disso! Eram pelegos no duro. T’ái a prova: tá tudo bem-arrumado na fábrica. Tudo chefe e fiscal. O que é isso? Peleguismo, traidores da classe operária...

Tião – Então metade da turma lá da fábrica é pelego, porque tá tudo com medo da greve!

Otávio (furioso) – Não diz besteira, seu idiota! A turma que t'aí é a mesma turma que fez greve o ano passado e que aguentou tropa de choque em 51...

[...]

Tião – Os pelegos que furaram a greve o ano passado tão bem de vida, né?

Otávio – Depende do que tu chama de bem de vida. Pra mim eles estão na merda, merda moral que é pior! Se venderam, né! (GUARNIERI, 2010, p. 40).

Otávio crê na integridade moral mesmo diante da sedução dos benefícios gerados pela subordinação aos interesses patronais. Ele, de certo modo, desconsidera a perspectiva do filho, pois julga que o fracasso moral de um homem ocorre quando este decide trair sua classe em favor desses parcos benefícios concedidos. Para ele, acima de tudo está a irmandade de classes e não consegue admitir o posicionamento dos trabalhadores que vão contra a ela. Destarte, é levado a ter uma rígida postura com o filho que não compartilha os mesmos ideais.

Ao constituí-lo desse modo, carregado de um ar romântico, Gianfrancesco Guarnieri não permite que a personagem entenda as contradições que permeiam as decisões dos funcionários e de seu próprio filho, e o faz julgar, sem realmente lançar sob eles, um olhar dialético que possibilitaria ao menos compreender que, num mundo reificado, a parca obtenção de confortos e estabilidade material é motivo para o trabalhador desintegrar-se das lutas coletivas. Pode-se, pela perspectiva tomada por Tião, entendê-lo até mesmo como um ser autoritário que não admite que outros tenham uma decisão distinta da sua, bem ao modo, como se comprovou no decorrer de muitas ditaduras de esquerda, do autoritarismo que permeou governos que seguiram tal ideologia. Ao mesmo tempo, Otávio pode também ser interpretado como um sujeito cujo idealismo, a incorruptibilidade, e o virtuosismo motivam a integridade da classe trabalhadora e torna-se uma espécie de modelo para a ressurreição de uma sociedade não reificada.

### **Considerações finais**

Se em 1950 reflorescia o pensamento revolucionário responsável por dar sustentação aos movimentos operários e estudantis lutarem contra a constituição da vida burguesa, na crença de uma sociedade em que prevaleceria o valor de uso, em

2016, a figura romântica de Otávio, bem como sua crença na vida não reificada não encontrariam muitos espaços nas atuais produções culturais. A força do capital internacional-corporativo-onipresente parece avassalar a possibilidade de resistência dos indivíduos ao mundo capitalista e, de certa forma, até mesmo ditar como devem ser controladas as pautas a serem discutidas pelos movimentos sociais. Nessa corrente, pode-se pensar, como dito anteriormente, na fragmentação dos interesses desses movimentos e como eles deixam de discutir, em grande medida, uma questão que é comum a todos, a reificação na sociedade burguesa e a necessidade da coletividade organizada para resistir a ela. Desse modo, nessa nova ordem social, em que se perde a crença na existência de um outro modelo socioeconômico possível, a peça em questão, com o seu romantismo, talvez não obtivesse a visibilidade conquistada em 1958 quando era pela primeira vez encenada. Porém, isso não quer dizer que ela seja um drama datado, mas que caminha junto às ideologias de esquerda que, mesmo perdendo parcialmente sua força, como ocorre nesse momento, nunca desaparecerão em decorrência da contínua exploração dos homens. Desse modo, se **Eles não usam black-tie** aparenta ser atualmente uma peça ingênua e o romantismo de Otávio uma anomalia, num futuro bem próximo poderá recuperar sua importância e tornar-se novamente uma referência para a luta dos trabalhadores contra essa sociedade moderna.

## Referências

ALONSO, A.; COSTA, V.; MACIEL, D. Identidade e estratégia na formação do movimento ambientalista brasileiro. **Novos estudos - CEBRAP**, São Paulo, n.79, nov. 2007.

Disponível em: [http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542012000200006&lng=pt&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542012000200006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 24 fev. 2016.

ANTUNES, R. De Vargas a Lula: caminho e descaminho da legislação trabalhista no Brasil. **Pegada**, São Paulo, vol. 7. n. 2. nov. 2006. Disponível em file:///C:/Users/Lia/Downloads/Antunes,%20Ricardo.%20De%20Vargas%20a%20Lula%20(3).pdf. Acesso em: 25 fev. 2016.

COSTA, I. C. **Teatro épico no Brasil: de força produtiva a artigo de consumo**. Tese de doutorado apresentado ao departamento de Filosofia na Faculdade de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.


GOLDMANN, L. **Dialética e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1991. 253 p.

GUARNIERI, G. **Eles não usam black-tie**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. 108 p.

LÖWY, M.; SAYRE, R. **Revolta e melancolia. O romantismo na contramão da modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2015. 287 p.

MAGALDI, S. **Panorama do teatro brasileiro**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962. 274 p.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro. Artistas da revolução, do CPC à era da tv**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.



Recebido em 29 de julho de 2016  
Aceito em 16 de dezembro de 2016